

Renata Assis, 37 anos, casada por 20 anos e mãe de três filhos. Apesar de um casamento feliz, ela se sentia dependente do marido, mas com a nova profissão de motorista de ônibus conseguiu a independência desejada e renovar a autoestima. Agora ela se sente mais mulher, embora no começo as filhas e o marido tenham resistido à sua escolha. Vaidosa, adora maquiar-se, colocar colares e anéis. A cor rosa é a que melhor representa sua feminilidade e decora o interior do ônibus em que trabalha. Renata só lamenta a morte do pai que sempre foi seu maior incentivador, afinal ela seguiu a carreira de rodoviária por influência dele. Ela fez de tudo para salvá-lo. Vendeu o carro que usava na época para fazer transporte escolar, mas infelizmente seu pai não resistiu. Renata dirige pensando que ele poderia estar ali para vê-la. Um dia entrou um senhor no ônibus lamentando que não tinha razão para viver, por ter perdido a mulher. Depois do idoso chorar, Renata não teve dúvida, parou o ônibus, reconfortou o senhor e todos os passageiros que estavam ali apoiaram a sua atitude.

Viviane Pereira, 35 anos está em seu segundo casamento. Considera-se pipa avoadada e aventureira, adora o desafio de ser motorista de ônibus que é uma profissão majoritariamente masculina, e confessa que a escolheu justamente por isso. No volante, não tem muita paciência e não leva desaforo para casa. Responde na mesma altura, embora não altere a voz. Em uma discussão no trânsito, um homem a mandou lavar umas roupas, ela não teve dúvidas em responder: “manda a sua mulher”. Viviane tem um filho adolescente do primeiro casamento que começa a dar trabalho, chegando tarde das festas, bebendo e experimentando novas formas de diversão. O rapaz quase não tem contato com o pai. O padrasto o assumiu integralmente e é quem o menino considera como pai, embora a relação dos dois seja conturbada. Viviane tenta administrar essa relação familiar e a triste perda de uma menina no parto, por erro médico em um hospital público. Seu único arrependimento é de não ter salvado dinheiro suficiente para ter a bebê em um hospital particular. Ela continua tentando engravidar na esperança de ter uma menina.

Maria A. Freitas, tem 44 anos, casada com Maria Luíza. Suas amigas de trabalho gostam de dizer que Maria é “borracha forte”, conhecida pela população no trajeto de sua linha como Maria do 773, já comemorou seu aniversário com os passageiros no próprio ônibus e fala com orgulho da camisa oficial do botafogo que recebeu de presente de um deles. Maria é fera em karatê e judô e tem o maior orgulho de ter salvo a vida de um travesti que estava prestes a ser linchado, enquanto estava no volante do ônibus. A única questão delicada na sua vida é família, aí a coisa esquenta. A família de Maria não aceita a companheira dela, porque acham que ela é muito ciumenta. Três mulheres com histórias marcantes e bem diferentes unidas por um único destino, a escolha de ser motoristas de ônibus no subúrbio do Rio de Janeiro. O trajeto perigoso que todas enfrentam no trabalho diário que começa em Bento Ribeiro, Marechal Hermes, Pavuna, Méier áreas cercadas por comunidades, traduz a personalidade forte e corajosa de cada uma delas. O desafio de trabalhar em um universo masculino ser companheira e mãe, são questões que enfrentam diariamente em suas vidas. Cada dia no trânsito, cada passageiro trás uma história diferente e é determinante para construir e definir o rumo diário dessas mulheres. Um dia nunca é igual ao outro e o público que embarca nesse ônibus não percebe a influência que exercem sobre elas e a carga de responsabilidade que as protagonistas carregam em seus ombros.